

Entre raça, gênero e sexualidade: A hipersexualização dos corpos negros e transexuais

Petra Roque Araujo da Silva^{1*} , Daniel Russell Oliveira² 

RESUMO

Este artigo configura-se como um ensaio teórico-crítico que busca analisar a hipersexualização de corpos negros e transexuais como dispositivo colonial de objetificação, desumanização e produção de vulnerabilidades sociais. Fundamentado nos estudos críticos sobre raça, gênero e sexualidade, em diálogo com a teoria psicodramática, o trabalho discute como as conservas culturais coloniais atravessam os processos de subjetivação e reconhecimento desses corpos. Argumenta-se que o psicodrama, enquanto abordagem centrada na ação, no encontro e na transformação das relações sociais, pode constituir um dispositivo de descolonização das narrativas cristalizadas sobre os corpos negros e transexuais. Como contribuição autoral, propõe-se o conceito tornar-se negro-transexual, compreendido como um processo subjetivo e político de reconstrução identitária diante das marcas produzidas pela branquitude e pela cisnormatividade.

PALAVRAS-CHAVE: Descolonização; Interseccionalidade; Cisnormatividade; Fetichização.

Between race, gender, and sexuality: The hypersexualization of black and transexual bodies

ABSTRACT

This article is configured as a critical-theoretical essay that seeks to analyze the hypersexualization of Black and transexual bodies as a colonial device of objectification, dehumanization, and production of social vulnerabilities. Grounded in critical studies on race, gender, and sexuality, and in dialogue with the psychodramatic theory, this study discusses how colonial cultural conserves permeate the processes of subjectivation and recognition of these bodies. It is argued that psychodrama, as an approach centered on action, encounter, and the transformation of social relations, can constitute a decolonizing device for crystallized narratives about Black and transexual bodies. As an original theoretical contribution, the concept of *becoming Black-transexual* is proposed, understood as a subjective and political process of identity reconstruction in the face of the marks produced by whiteness and cisnormativity.

KEYWORDS: Decolonization; Intersectionality; Cisnormativity; Fetishization.

Entre raza, género y sexualidad: La hipersexualización de los cuerpos negros y transexuales

RESUMEN

Este artículo se configura como un ensayo teórico-crítico que busca analizar la hipersexualización de los cuerpos negros y trans como dispositivo colonial de objetivación, deshumanización y producción de vulnerabilidades sociales. Fundamentado en los estudios críticos sobre raza, género y sexualidad, en diálogo con la teoría psicodramática, el trabajo discute cómo las conservas culturales coloniales atraviesan los procesos de subjetivación y reconocimiento de estos cuerpos. Se argumenta que el Psicodrama, como enfoque centrado en la acción, el encuentro y la transformación de las relaciones sociales, puede constituirse como un dispositivo de descolonización de las narrativas cristalizadas sobre los cuerpos negros y trans. Como contribución teórica autoral, se propone el concepto de “devenir negro-trans”, comprendido como un proceso subjetivo y político de reconstrucción identitaria frente a las marcas producidas por la blanquitud y la cisnormatividad.

PALABRAS CLAVE: Descolonización; Interseccionalidad; Cisnormatividad; Fetichización.

1. Instituto Mineiro de Psicodrama Jacob Levy Moreno – Belo Horizonte (MG), Brasil.

2. Viver Mais Psicologia – Tubarão (SC), Brasil.

*Autora correspondente: pettraroque@gmail.com

Recebido: 28 jun. 2026 | Aceito: 24 ago. 2026

Editor de seção: Aroldo de Lara Cardoso Júnior 

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, pensar gênero e sexualidade implica colocar no centro da discussão a noção de corpo-território, especialmente quando se trata de corpos transexuais e negros atravessados pela hipersexualização. Esses corpos, historicamente marcados por processos de exclusão, tornam-se também corpos mercadológicos, com frequência colocados na “prateleira do desejo”, em detrimento da possibilidade do afeto, do reconhecimento e do amor (Oliveira, 2025).

Nessa perspectiva, evidencia-se como os corpos negros são socialmente produzidos como objetos de desejo e consumo, vinculados a imaginários coloniais e animais que os afastam de sua dimensão humana e subjetiva. Tal lógica pode igualmente ser observada na vivência de pessoas transexuais, que são constantemente convocadas ao lugar do prazer e da disponibilidade sexual, não sendo reconhecidas em sua potência existencial nem cidadã, mas reduzidas à condição de corpos disponíveis ao olhar e ao consumo do outro (Raia, 2022).

Desse modo, torna-se fundamental refletir sobre como pessoas transexuais e pessoas negras são com frequência posicionadas no lugar do corpo-objeto. Quando esses dois marcadores sociais se interseccionam — transexualidade e negritude —, os processos de objetificação e violência tendem a se intensificar, transformando esses sujeitos em alvos recorrentes de fetichização, exotificação e hipersexualização, em contramão do respeito à dignidade humana (Boffi & Santos, 2023).

A fetichização manifesta-se, muitas vezes, pela centralidade atribuída aos órgãos genitais de homens negros e mulheres transexuais, que passam a ser a todo o momento questionados e reduzidos a atributos anatômicos. Os discursos racializados e transfóbicos presentes no imaginário social associam frequentemente os homens negros a uma suposta potência sexual exacerbada, além de reduzirem as pessoas transexuais à dimensão genital. Tais enunciados evidenciam mecanismos simbólicos de desumanização e marginalização (Silva & Vomero, 2025).

Nesse sentido, compreende-se que determinados corpos são invisibilizados em sua potência de existência e singularidade, sendo frequentemente capturados por discursos normativos e reducionistas (Kastrup, 2019).

A discussão acerca da hipersexualização de corpos transexuais e negros, portanto, revela a permanência de estruturas coloniais, racistas e cisonormativas que operam na produção social do desejo, da exclusão e da violência. Refletir sobre essas dinâmicas é também propor caminhos éticos e políticos voltados ao reconhecimento da humanidade plena dessas populações, para além dos estigmas que historicamente foram construídos sobre seus corpos (Fuchs et al., 2021; Pelúcio, 2005).

Diante disso, a proposta deste ensaio é ampliar a discussão de como o psicodrama, como método de ação, pode contribuir para o processo de descolonização das conservas culturais que sustentam a hipersexualização dos corpos negros e transexuais, pois, de acordo com Ramos (2020), se acredita que a ação dramática é um dispositivo que pode favorecer o reconhecimento das posições sociais que foram impostas a esses corpos a fim de propiciar um território de criação de possibilidades de existência.

Essas dinâmicas coloniais são evidenciadas por Ramos (2020, p. 47) como “déficit de espontaneidade”, pois estão relacionadas à reprodução de conservas culturais herdadas “dos mortos” e aprendidas com eles. Isto é, o colonialismo, como dispositivo de poder, não só influenciou a subjetividade e as relações dos sujeitos, como também definiu como determinados corpos devem ou não ser percebidos socialmente.

Com base nessa concepção, Ramos (2020, p. 36) sistematizou a abordagem psicodramática como “um campo de polarização psicológica”, destinado a propiciar, por meio da ação dramática, um espaço de elaboração das tensões e dos recalques.

A teoria socionômica é apresentada como “um método de eliminação de preconceitos ou de estereótipos que objetiva libertar a consciência do indivíduo da pressão social” (Ramos, 2020, p. 53). Nessa perspectiva, o objetivo deste artigo é destacar o psicodrama como um dispositivo de descolonização dessas conservas e de emancipação de corpos estigmatizados e objetificados, a fim de favorecer o dar-se conta das estruturas opressivas e abrir espaço para o pensamento e a concretização de ações que possam enfraquecê-las.

Como contribuição teórica deste estudo, propomos o conceito de tornar-se negro-transexual, elaborado da interlocução entre a formulação de Souza (2021) sobre o processo de “tornar-se negro”, os estudos sobre identidade transexual e as discussões acerca da colonialidade, da cisnormatividade e das relações raciais.

Neste ensaio, destaca-se que o conceito tornar-se negro-transexual é empregado como uma lente para que possamos compreender como os marcadores de raça e transgeneridade se articulam na produção de experiências de objetificação, hipersexualização e desumanização. Vale ressaltar que essa articulação não se refere apenas à soma entre ser negro e ser transexual, mas a uma experiência que é situada e produzida no encontro entre as diferentes tecnologias de poder que compõem a estrutura da sociedade. Com isso, salienta-se a necessidade de inicialmente percorrer as especificidades das experiências negras e transexuais para, posteriormente, discutir os aspectos que emergem de sua interseção.

Nesta pesquisa, o conceito é compreendido como um processo de construção subjetiva e política, no qual pessoas negras e transexuais são convocadas a romper com as posições que foram historicamente impostas pela branquitude e pela cisnormatividade, com a finalidade de evidenciar novas formas de reconhecimento, existência e pertencimento. Assim, destaca-se que o conceito tornar-se negro-transexual não está relacionado a uma identidade fixa ou essencializada, mas sim a um movimento contínuo de elaboração de si diante das marcas coloniais que atravessam esses corpos (Silva & Vomero, 2025; Souza, 2021).

Essa elaboração também pode ser articulada na obra de Mbembe (2022), quando o autor apresenta a noção de “devir-negro do mundo”, pois compreende as formas de precarização, exploração e desumanização para além dos limites históricos atribuídos à experiência da população negra. Tal perspectiva propicia a produção de pensamentos de como diferentes corpos podem ser submetidos a dispositivos que os transformam em vidas disponíveis à exploração e ao descarte. Com isso, o presente ensaio, ao introduzir essa concepção, visa realizar um diálogo com as experiências de pessoas transexuais negras e as conservas culturais coloniais que sustentam as posições de opressão em que esses corpos são posicionados (Vomero, 2022).

Este trabalho caracteriza-se como um ensaio teórico-crítico, construído mediante a articulação entre os estudos sobre colonialidade, relações raciais, gênero e sexualidade, em diálogo com a teoria psicodramática. O percurso desenvolvido está relacionado a uma análise interpretativa de referenciais teóricos, os quais foram selecionados para se compreender os processos de objetificação, de hipersexualização e de desumanização dos corpos negros e transexuais.

COLONIALIDADE, RAÇA E EROTIZAÇÃO DOS CORPOS NEGROS

O senso comum afirma que o que é passado ficou no passado, no entanto a história da colonização e da dominação dos corpos negros não pode ser tratada como algo do passado, como um museu, em que as pessoas caminham pelos corredores, visualizam os acontecimentos apresentados nas vitrines de vidro e seguem em frente, acreditando que os relatos expostos nas placas explicativas pertencem apenas ao passado, pois historicamente esses corpos foram e continuam sendo construídos como objetos de animalização e hipersexualização (Kilomba, 2019). Ou seja, as tecnologias coloniais de controle seguem produzindo dinâmicas que operam de forma capilarizada e letal (Silva & Santos, 2024).

É o que apontam as pesquisas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada e do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) ao revelarem que “a taxa de vitimização por homicídio de mulheres negras (4,0 homicídios por 100 mil mulheres) foi 66,7% superior à taxa verificada entre mulheres não negras (2,4)” (Cerqueira & Bueno, 2026, p. 75). Em contrapartida, o FBSP, em 2025, no 19º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, comprovou que “nas mortes em decorrência de intervenções policiais os negros representam 82% das vítimas e brancos somam apenas 17,6%” (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2025, p. 35).

Nesse sentido, evidencia-se que a concepção do corpo negro como objeto de exploração e dominação é herança do período escravagista, que continua atuando na contemporaneidade como uma tecnologia de destituição e aniquilação humana. Afirma Monsma (2017, p. 77): “O racismo pode ser pensado como uma estrutura de dominação material e simbólica, mas é uma estrutura em processo constante de reprodução e mutação”.

Com base nessa compreensão, destaca-se que a arquitetura hegemônica constituída pelo colonialismo, que reduziu os corpos negros à lógica de exploração e dominação, permanece intacta no tecido social. Esses corpos continuam sendo vistos e tratados como corpo-mercadoria e corpo-ferramenta (Mbembe, 2016). Isto é, a população negra ainda é compreendida como propriedade do colonizador, como corpos que podem ser precificados, comercializados e objetificados como apropriação sexual.

Nessa ótica, argumenta-se que a exploração sistemática do racismo opera na atualidade como expropriação reprodutiva e sexual. No imaginário coletivo colonial, os corpos negros foram reconfigurados como territórios de “usufruto” (Kilomba, 2019). Isso quer dizer que, nesse imaginário, para além de serem instrumentalizados como força de trabalho, esses corpos são vistos como pertencentes aos seus senhores e precisam estar totalmente disponíveis para serem dominados, objetificados e coisificados.

Para Mbembe (2016, p. 131), essa lógica de dominação produz “uma tripla perda: perda de um ‘lar’, perda de direitos sobre seu corpo e perda de status político”. O autor destaca que “essa perda tripla equivale à dominação absoluta, alienação ao nascer e morte social (expulsão da humanidade de modo geral)” (Mbembe, 2016, p. 131). Isso significa que os corpos negros não são percebidos como pessoas, mas sim como espécimes, como seres animalizados (Kilomba, 2019).

Constata-se, nesse cenário, que o imaginário colonial reduziu a imagem do corpo negro ao exótico, ao selvagem e à ideia de disponibilidade ao desejo do outro. Ou seja, é um imaginário pautado em uma alteridade exótica cristalizada na ascensão do racismo científico e institucional e na fabricação discursiva de subjetividades que, nesse imaginário, são consideradas como desviantes (Crisostono et al., 2025).

No aspecto da masculinidade negra, por exemplo, a conserva colonial (Vomero, 2022) consolidou, de maneira perniciosa, o arquétipo do “negão”, que apresenta o homem negro por meio de uma caricatura ontológica, dotado de um apetite carnal irrefreável, de uma virilidade animalizada e de uma potência sexual intrinsecamente perigosa, sendo concebido essencialmente como uma ameaça contínua à integridade branca ou como um fetiche a ser domado.

Já a mulher negra é com frequência codificada como um objeto de prazer furtivo, hedonista e hipersexualizado (Silva & Capistrano, 2022; Thibes & Carvalho, 2021). Trata-se de um imaginário que reduziu a imagem da mulher negra à ideia de um produto de consumo rápido, relegando-a ao campo utilitário da objetificação recreativa e raramente legitimando-a nos papéis sociais. Nessa perspectiva, compreende-se que os corpos negros são ora transformados em ameaça, ora em objeto de fetichização, no entanto jamais reconhecidos como humanos, como já denunciava Elza Soares (Jorge et al., 2002) na canção “A Carne”, destacando que “a carne mais barata do mercado é a carne negra”.

Nessa concepção, a erotização dos corpos negros é compreendida como um dispositivo que reconfigurou esses corpos como objetos de consumo, entretenimento, fantasia e controle. Nesse sentido, essa reconfiguração apresenta-se como uma engrenagem que opera como estratégia de desumanização, a qual atua na redução da população negra à dimensão física e corporal, reforçando as tecnologias coloniais históricas de dominação, exploração, subserviência e subalternização (Galon, 2025).

É importante ressaltar que a escolha de tratar inicialmente a experiência dos corpos negros de forma específica não se refere à separação do conceito de raça das demais dimensões que constituem esses sujeitos. Pelo contrário, o objetivo é evidenciar como o racismo e a colonialidade funcionam na produção de tecnologias que operam na manutenção da objetificação e hipersexualização dos corpos negros (Silva & Soares, 2025).

A seção seguinte realiza um movimento semelhante em relação aos corpos transexuais, para que, posteriormente, seja possível compreender o que emerge quando essas experiências se interseccionam. A ideia não é apresentar a interseção como uma soma de violências, mas como uma posição social específica.

CORPOS TRANSEXUAIS, CISNORMATIVIDADE E FETICHIZAÇÃO

O termo cisgênero é empregado para as pessoas que se reconhecem pelo gênero designado ao nascer. Isto é, o médico diz “nasceu um menino” e esse menino se reconhece como homem, ou “nasceu menina” e esse bebê se reconhece como mulher, ou seja, o foco não é biologizante (Fuchs et al., 2021). A cisnormatividade corresponde a um conjunto de normas que naturalizam a correspondência entre sexo e gênero e sustentam discursos transfóbicos e excludentes (Medrado & Malfrán, 2025).

Tais processos contribuem para a marginalização de pessoas transexuais e podem ampliar as situações de vulnerabilidade e sofrimento psíquico, como apontam os dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra) ao destacarem que a violência e a exclusão social estão associadas ao aumento de fatores de risco para o sofrimento mental e para o comportamento suicida entre pessoas transexuais, especialmente quando essas experiências se acumulam ao longo da vida (Benevides, 2026; Medrado & Malfrán, 2025).

A cisnormatividade e as condições de exclusão social podem restringir o acesso de pessoas transexuais a direitos, trabalho, educação e redes de proteção, ampliando situações de vulnerabilidade e fazendo com que algumas encontrem na prostituição uma importante estratégia de sobrevivência (Goulart, 2021).

Essa proposição sobre a marginalização associada à sexualização de pessoas transexuais, sobretudo das mulheres, está discutida no livro *Neca*, de Amara Moira (2024). A autora aborda a erotização e a pornografia que permeiam a vida de uma mulher transexual/travesti profissional do sexo pela perspectiva do humor e da dor. É isso que circunda essa vivência, pois temos o consumo de pornografia transexual como o mais acessado, ainda mais com a sexualização vinda da plataforma. Ou seja, são corpos desejados, porém indignos de valorização pela cisgeneridade, mais especificamente pelos homens cis (Dias & Hennigen, 2024).

A experiência narrada por Moira (2024) permite perceber que o corpo também pode se tornar um lugar de reconhecimento e conflito. O desejo, o olhar do outro e as experiências sexuais atravessam a construção de sua própria percepção como mulher, mostrando que a sexualidade não aparece apenas como elemento externo de opressão, mas igualmente como campo no qual a identidade é experimentada, questionada e reelaborada. Essa dimensão interessa ao tornar-se negro-transexual, porque evidencia que a construção de si acontece no encontro com os olhares, desejos e rejeições produzidos socialmente.

Para abordar esse ponto, precisamos ir até os dados da Antra, como descrevem Wenczenovicz e Puhl (2025), ao afirmarem que o Brasil é líder em consumo de pornografia transexual. Os homens que rejeitam esses corpos buscam nas plataformas esse tipo de mídia, pois assim podem saciar o desejo reprimido de possuir um corpo demonizado ou classificado como sujo e pecaminoso.

As plataformas como OnlyFans, Privacy, Câmera Privê, Fansly e XVideos se caracterizam por serem lucrativas, por prometerem bons rendimentos, autonomia, flexibilidade e uma possibilidade atrativa para pessoas que não conseguem emprego formal. Todavia, são ambientes padecedores, que buscam a padronização dos corpos transexuais por meio da “passabilidade”, que se concretiza na mulher transexual que se pareça com a mulher cisgênera, sendo assim um ser “copiado” da realidade, tornando esse corpo aderente à cisnorma na busca pela aproximação fisionômica (Silva e Vomero, 2025).

Assim, o corpo transexual passa a ser curiosidade social, pois as primeiras perguntas que surgem como pontuação são: mas você é operada?, ou você já cortou o pinto fora?, novamente voltando à biologização. Mesmo quando o sexo é biológico, o gênero é social, como discorrem Becker e Emmel (2025). Por essa razão, o corpo transexual torna-se intrigante: uma mulher de pau e um homem com vagina — *boyceeta* — também se entrelaçam com a insuficiência da retificação do nome, pois, se não performarem, passam a ser objeto de zombarias e escárnios.

Nessa ótica, Araújo (2025) afirma que tudo isso ocorre caso não se atenda à cisnorma, pelo estranhamento e pelas violências simbólicas. A sociedade usa a compreensão das crianças em relação às pessoas transexuais para poder disseminar o ódio, classificando essas pessoas como seres desviantes e atrações circenses.

É nessa conjuntura que o desejo clandestino se afirma, pois muitos vão buscar as sombras, à noite, para poder realizar fantasias ocultas, como aborda o canal do YouTube Homens que Amam Trans, de Jacques Soares. Esses homens em geral são compromissados e buscam relações sigilosas e casuais, o prazer e a relação objetual com o ser menosprezado, que desperta fascínio sexual e erótico. Muitos desses homens também desejam se ver pela ótica do feminino, como vestir as roupas das transexuais que fazem programas na noite, ou até mesmo roupas ditas femininas para obter prazer (*crossdresser*) (Leite Júnior, 2016).

Um exemplo disso é o famoso pastor de calcinha, que ousou performar aquilo que tanto demoniza e, no fim das contas, se tornou uma celebridade instantânea midiática, evidenciando que a transexualidade é vista como chacota até por aqueles

que, mesmo odiando, decidem se aproveitar da pauta para se beneficiarem de alguma forma. Tais aspectos estão ligados aos processos de subjetivação dessas pessoas, que se tornam objeções, como no caso da música “Geni e o Zepelim”, que mostra o desejo, a dissidência, a corporeidade, a libido e a forma animalesca rejeitada da pessoa transexual no mundo (*apud* Silva & Vomero, 2025).

Nesse sentido, a experiência narrada por Moira (2024) permite aproximar a escrita da ação dramática, pois nos baseamos na ideia de que, assim como a escrita pode produzir outras formas de narrar a própria experiência, o palco psicodramático pode funcionar como espaço de experimentação de papéis e de elaboração de cenas marcadas pela objetificação. Esse processo pode ser facilitado por meio da realidade suplementar, que, mesmo diante de um contexto social opressivo, convida esses corpos a experimentarem no palco a ação de poderem se despir dos papéis que foram impostos pela sociedade (Oliveira, 2025b).

INTERSECCIONALIDADE E HIPERSEXUALIZAÇÃO DE PESSOAS TRANSEXUAIS NEGRAS

De acordo com os dados publicados em 2026 pela Antra, “a média de pessoas trans negras assassinadas permaneceu em 77%, enquanto para pessoas brancas esse índice se manteve em 22%” (Benevides, 2026, p. 66).

Diante desses dados, destaca-se que a experiência de pessoas transexuais negras está interseccionada com os marcadores de gênero e raça e não pode ser compreendida de forma separada, pois são corpos que vivenciam múltiplas violências e vulnerabilidades que perpassam esses marcadores (Oliveira, 2025). Nesse aspecto, vale enfatizar que a articulação entre gênero e raça não se refere apenas aos dados de violência, mas à forma como esses corpos são vistos, idealizados, representados e posicionados socialmente (Gonçalves e Guimarães, 2024).

Com isso, argumenta-se que a experiência de pessoas transexuais negras não pode ser explicada apenas pela soma entre as dinâmicas do racismo e da transfobia, pois se acredita que a intersecção entre esses marcadores atua na produção de formas particulares de reconhecimento e violência, nas quais esses corpos são simultaneamente racializados, generificados e sexualizados. Portanto, é nesse aspecto que o tornar-se negro-transexual é situado, porque se trata de propiciar a elaboração de uma existência que foi historicamente posicionada pelo olhar branco e cisnormativo, a fim de atuar na produção de possibilidades de reconhecimento de si e de relação com o mundo.

Nesse contexto, os corpos transexuais negros são com frequência demonizados. Tal dinâmica, segundo Santana e Santos (2021, p. 108), “é fruto da própria ideologia civilizatória do colonialismo europeu”. Portanto, compreende-se que a figura do “demônio”, que é socialmente vinculada ao pecado, atua de maneira simbólica como elemento de sedução e indução para fomentar a produção de discursos que recorrentemente associam tais corpos à luxúria e ao “sexo sujo” (Medrado & Malfrán, 2025).

A hipersexualização está relacionada a uma construção social sustentada por normas morais e religiosas que posicionam pessoas negras e transexuais em lugares de sujeira, estranheza e trevosidade. Isto é, são corpos que, no imaginário colonial, são percebidos sob uma lógica pecaminosa, como corpos *da cor do pecado* e que levam os outros a pecarem. Trata-se de discursos cristalizados em uma perspectiva cisnormativa que classifica esses corpos como “monstruosos e inviáveis” (Medrado & Malfrán, 2025, p. 89). Logo, podemos compreender que o racismo e a cisnormatividade contribuem para a hipersexualização de pessoas transexuais negras e para a produção social do sofrimento.

A construção do homem negro e da mulher negra como símbolos do carnaval, por exemplo, e a apropriação de seus corpos como objetos de consumo reproduzem lógicas históricas de exploração herdadas do período escravagista (Rezende & Tárrega, 2021; Rezende et al., 2023).

No campo das relações afetivo-sexuais, a objetificação de pessoas transexuais também pode ser identificada na circulação de discursos que dissociam desejo e reconhecimento social, produzindo a ideia de que esses corpos podem ser sexualmente desejados, mas não legitimados como sujeitos de relações afetivas. Expressões socialmente difundidas, como “serve para sexo, mas não serve para algo sério”, ou enunciados fetichizantes que reduzem pessoas transexuais aos seus atributos corporais, evidenciam essa lógica de separação entre desejo e humanidade (Dias & Hennigen, 2024).

A expressão “serve para sexo, mas não serve para algo sério” sintetiza essa separação entre o desejo e o reconhecimento, pois salienta a ideia de que o corpo transexual negro pode ser colocado no lugar de objeto e de desejo, mas simultaneamente afastado da possibilidade de vínculo, pertencimento e reconhecimento social. A hipersexualização, nesse sentido, é apresentada não apenas como “excesso de desejo”, mas como uma forma específica de produzir o outro como desejável e, ao mesmo tempo, indigno de ocupar determinados lugares sociais (Silva & Vomero, 2025).

É nesse movimento que a raça e a transgeneridade se entrelaçam. A pessoa negra, que foi historicamente associada à disponibilidade sexual, encontra-se com a pessoa transexual, que é em geral tratada como curiosidade ou fetiche (Silva & Vomero, 2025). Com isso, a intersecção desses imaginários produz um corpo que pode ser intensamente desejado e, ao mesmo tempo, socialmente rejeitado. Assim, o tornar-se negro-transexual emerge como possibilidade de deslocamento dessa posição, ao afirmar o corpo não apenas como objeto do desejo alheio, mas como sujeito de desejo, escolha, vínculo e existência.

As reinvenções de conservas que remetem à colonização também refletem os abusos e o uso dos corpos, sejam negros, pelos colonizadores, tratando-se de racialidades e colonialidades, sejam transexuais, no sentido da contemporaneidade (Vomero, 2022).

É uma espécie de relação objetificar o corpo negro e transexual, como se fosse um corpo não humano, como um corpo que não sente e que está disponível a toda forma de vilipêndio, como afirma Raia (2022, p. 9): “Todas as vezes em que o corpo negro tenta se impor enquanto humano, se depara com a barreira da cor”.

Essas representações estão presentes na vida cotidiana e são evidenciadas por meio de discursos que reduzem o corpo da mulher negra a um objeto de entretenimento e consumo (Silva & Silva, 2024). Essas representações também aparecem em discursos cotidianos que associam mulheres negras a imagens de disponibilidade corporal e entretenimento, como ocorre em enunciados que vinculam a negritude feminina ao carnaval e à exposição corporal.

Mais do que uma fala isolada, tais formulações expressam imaginários sociais historicamente construídos para reduzir mulheres negras à dimensão estética e sexual, transformando seus corpos em objetos de consumo simbólico (Silva & Silva, 2024). Em contraposição a essa lógica, a fala de Domitila Barros no Big Brother Brasil “Não estou aqui para te entreter” demonstra uma ruptura com o lugar histórico atribuído às mulheres negras como corpos destinados ao entretenimento e à satisfação do olhar do outro.

PSICODRAMA, DESCOLONIZAÇÃO E EMANCIPAÇÃO DOS CORPOS

Os corpos negros e transexuais sofrem a negativa de suas subjetividades por meio da invisibilidade, da sexualização, da exploração, da desumanização, da demonização e de todo tipo de vilipêndio. De acordo com a Antra, grande parte da população transexual brasileira tem a prostituição como principal fonte de renda, sendo muitas vezes a única via de subsistência (Benevides, 2026).

Diante disso, compreendemos que essa configuração, além de negar o intelecto desses corpos, acaba reduzindo-os exclusivamente a objetos de consumo sexual, gerando sofrimento psíquico e material. Ou seja, esse cenário não é um acidente, mas fruto de uma lógica ciscapitalista¹ que se mantém intacta no tecido social (Silva & Vomero, 2025).

O trecho da canção “a carne mais barata do mercado é a carne negra”, por exemplo, evidencia os aspectos da conserva colonial (Vomero, 2022), que, nesse imaginário, relegam aos corpos negros e transexuais a posição de subalternos. Isto é, são roteiros coloniais que ditam os lugares que esses corpos podem ou não ocupar, que impõem o tom de voz que devem utilizar, a estética que precisam assumir, a maneira de se comportar e até mesmo o tempo de vida desses corpos (Vomero, 2022, p. 122).

Em diálogo com os estudos decoloniais e com a discussão proposta por Vomero (2022), compreendemos que a cisnormatividade se articula historicamente à produção de um padrão universal de humanidade associado ao homem

¹ Entende-se a lógica ciscapitalista como um sistema econômico e social que recompensa somente aqueles que se alinham à cisnormatividade (Silva & Vomero, 2025).

branco, cristão, cisgênero e heterossexual, que se fundamenta em uma ideia cristalizada do período colonial, constituída para beneficiar aqueles que são vistos socialmente como “iguais” e aniquilar aqueles que são vistos como “outros” (Kilomba, 2019).

Esse diálogo realiza um cruzamento com o que Ramos (2020, p. 47) denominou de “déficit de espontaneidade”, que pode ser compreendido como a reprodução de “moldes ou respostas conservadas” que não foram elaborados de forma livre e que “foram legados pelos mortos”.

Nessa perspectiva, o autor propõe a necessidade de os sujeitos vivenciarem a “cultura da espontaneidade”, que no psicodrama é apresentada como uma proposta de descolonização: “A grupoterapia lança suas raízes nesta tradição. Ela é a cultura da espontaneidade, um processo sociológico de purgação de conservas culturais” (Ramos, 2020, p. 48).

Nesse sentido, a metodologia moreniana não se destaca apenas como um espaço de descolonização, mas como um território de “polarização psicológica, onde o homem encontra oportunidade de eliminar as suas tensões e recalques” (Ramos, 2020, p. 36). Isso significa que o psicodrama é uma abordagem que deve exercer a busca pela emancipação dos grupos minorizados, com a finalidade de apresentar o palco dramático como um espaço em que os corpos que foram marginalizados possam ensaiar o abandono dos papéis de subalternos impostos pelas conservas opressivas (Souza & Vieira, 2025).

Essa discussão ressalta o compromisso ético e político do psicodrama diante das questões opressivas, em que a ação dramática é apresentada como um laboratório social em que os sujeitos são convocados a olhar para as suas próprias conservas opressoras, a fim de produzir uma ruptura com os papéis cristalizados, além de propiciar um território para que os corpos negros e transexuais encontrem novas narrativas e novos modos de existência, distantes da perspectiva do colonizador, assumindo autonomia para ser e existir (Vomero & Nery, 2024).

Os exemplos discutidos anteriormente podem ser compreendidos, nessa perspectiva, como expressões de conservas culturais que naturalizam determinadas posições para os corpos negros e transexuais. Quando essas representações são levadas ao palco, deixam de aparecer como verdades individuais e podem ser observadas como produções sociais. O palco, portanto, torna-se um laboratório social para visualizar como essas posições foram construídas e experimentar respostas diferentes diante delas (Ramos, 2020).

Nessa compreensão, destaca-se que o palco psicodramático atua como um laboratório social que propicia, por meio da ação, a visualização e a transformação dos fenômenos sociais e opressivos que foram naturalizados. Nesse palco, é possível visualizar e desmontar as estruturas históricas e coloniais que sustentam e mantêm os papéis sociais opressivos (Ramos, 2020).

Souza (2021) destaca que tornar-se negro é abandonar o branco como ideal de subjetividade, vivenciando a autonomia para afirmar a identidade negra como um ato político e subjetivo no palco da sociedade. Ao correlacionarmos a negritude, a transexualidade, o psicodrama e o conceito de tornar-se negro, propomos o termo tornar-se negro-transexual, empregado neste estudo como um processo de construção subjetiva que visa, para além de romper com os ideais da branquitude e da cisnormatividade, propor processos de criação de possibilidades de existência, reconhecimento e produção de subjetividades dissidentes.

No psicodrama, esse processo pode ser compreendido como uma passagem da posição atribuída para a possibilidade de criação de posições, pois o palco propicia a visualização dos papéis que foram incorporados nas relações sociais, bem como a experimentação de outras formas. Portanto, o tornar-se negro-transexual encontra na ação dramática um espaço para que a pessoa não apenas reconheça as marcas que atravessam sua história, mas possa ensaiar outras maneiras de existir diante delas.

Nessa concepção, o palco psicodramático transforma-se em uma miniatura da sociedade e constitui um laboratório social para que os corpos negros e transexuais possam vivenciar, em um espaço seguro e protegido, a autonomia para expurgar de suas subjetividades a autodepreciação produzida pela estrutura colonial, experienciando novos modos de existir, de se reconhecer e de se afirmar no mundo (Ramos, 2020).

Para tanto, faz-se necessário evidenciar o trabalho do psicodrama nas ações afirmativas que buscam trazer os corpos marginalizados para o palco (visibilidade), não pela visão colonial da exploração e do exibicionismo sensacionalista que transforma a dor psíquica em espetáculo, nem pela não relativização da discussão racial e do viralatismo que coloca esses

corpos como objeto de subjugamento (Malaquias et al., 2016), mas sim pela descolonização, no sentido de conduzir pessoas negras e transexuais ao centro do debate. O protagonista traz sua verdade, e esta não pode ser objeto de julgamento, como propõe o compartilhamento (que se faz no cotidiano), mas direciona o sujeito a perceber que ele tem autonomia para expressar-se com autenticidade por intermédio de uma conduta antirracista (psicodrama étnico).

Nesse contexto, por meio do ativismo, propõem-se espaços de luta, valorização e empoderamento de pessoas pretas (Oliveira, 2025b) e antitransfóbicas (psicodrama identitário), nos quais se articulam estudos, acessos e potencialidades que se expressam nas aplicações psicodramáticas, no campo da discussão do projeto necropolítico (Mbembe, 2016).

Destaca-se que a teoria socionômica é um método sociológico de desconstrução das opressões históricas, de combate ao racismo e de visibilidade das identidades marginalizadas, como apontam Silva e Vomero (2025).

Quando a hipersexualização deixa de ser compreendida apenas como experiência individual e passa a ser analisada como um fenômeno que é produzido nas relações sociais, o sociodrama torna-se um instrumento de intervenção, ao focar nos papéis coletivos e nas relações entre os sujeitos, permitindo colocar em cena os discursos que sustentam o racismo, a transfobia e a objetificação dos corpos.

Com isso, salienta-se que o sociodrama é um método que está diretamente enquadrado nessa discussão, pois o objetivo é trabalhar de forma coletiva com a desconstrução das opressões constituídas no palco social. Portanto, ao dramatizar os papéis coletivos, os preconceitos e as relações de poder que organizam essas opressões, a abordagem propicia em cena a observação dos discursos que foram naturalizados, bem como possibilidades de transformá-los (Ramos, 2020).

CONCLUSÃO

Ao longo da história da construção do psicodrama, percebemos que o seu criador exerceu um olhar para os grupos minorizados. Logo, negligenciar as pautas de ações afirmativas é anular a origem da abordagem (Silva & Vomero, 2025). Assim, compreendemos que o fazer psicodramático sem a centralização dessas questões é mais um mecanismo de manutenção das violências reproduzidas no palco da sociedade.

Segundo Oliveira (2025a, p. 7), “o aquecimento racial é um dispositivo que visa a apresentar aspectos da consciência e do letramento racial por meio da ação”. Nesse sentido, para além de um aquecimento racial, é preciso pensar na necessidade de introduzirmos e vivenciarmos um aquecimento descolonial, que neste artigo pode ser compreendido como o ato de abandonar os papéis que foram herdados dos mortos e moldados por eles (Ramos, 2020).

No “Protocolo Negro-Branco”, Moreno (1975) enfatiza a importância de as pessoas se familiarizarem com o sofrimento que o racismo causa. Oliveira (2024) destaca que essa familiarização é importante, mas não suficiente para romper com as estruturas opressivas. Para além dessa ação, é preciso assumir papéis de autorresponsabilização. Ou seja, é necessário abandonar o lugar do “eu entendo a sua dor” para ocupar a posição de “qual é a minha responsabilidade na desconstrução das opressões?”.

Com base nesse questionamento, nesse compartilhamento, a pergunta que ressoa é: como podemos desconstruir essas conservas ativamente? Oliveira (2025a) salienta que as principais ferramentas que precisam ser utilizadas nesse processo de desconstrução são o dar-se conta e a ação. Isto é, é preciso visualizar, reconhecer e transformar ativamente as estruturas opressivas.

Tal compreensão evidencia a tentativa de se construir um espaço de encontro entre os sujeitos racializados e aqueles não racializados para que possam elaborar as tensões produzidas pelo racismo. Considerando o diálogo com as discussões contemporâneas sobre raça e branquitude, torna-se necessário ampliar essa proposta para além do aspecto da sensibilização sobre o sofrimento do outro, incorporando nesse processo a responsabilização e a análise dos privilégios estruturais que estão envolvidos nas relações raciais (Oliveira, 2025a).

Portanto, com base na compreensão de que o imaginário coletivo, influenciado pelas lógicas coloniais, reduziu os corpos negros e transexuais às posições de subalternização, marginalização, sexualização e objetificação, faz-se necessário

construir uma lógica que siga um caminho inverso, na qual esses corpos possam ocupar lugares de visibilidade, protagonismo, reconhecimento, pertencimento e humanidade (Carvalho & Miranda, 2024).

Nesse sentido, o palco psicodramático é apresentado como um território de descolonização dos papéis cristalizados e criação de cenas e formas de existência, no qual os corpos que foram historicamente objetificados podem experimentar na ação dramática processos de reconhecimento, espontaneidade e autoria sobre suas próprias narrativas.

Retomando a questão que orientou este ensaio, compreendemos que o psicodrama pode contribuir para a descolonização ao tornar visíveis as conservas culturais que sustentam a objetificação e a hipersexualização e, por meio da ação dramática, possibilitar a experimentação de outros papéis e formas de relação. No caso de pessoas negras e transexuais, essa possibilidade ganha força quando se considera a intersecção entre raça e transgeneridade.

É nesse movimento que situamos o tornar-se negro-transexual como um processo contínuo de reconhecimento, elaboração e criação de respostas de existência. No campo psicodramático, acreditamos que esse processo pode encontrar no palco e nos grupos um espaço para transformar as posições que foram historicamente impostas em possibilidades de autoria, pertencimento e reconhecimento.

CONFLITO DE INTERESSES

Nada a declarar.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS

Todos os dados foram apresentados no artigo.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

Conceituação: Silva PRA e Oliveira DR; **Metodologia:** Oliveira DR; **Investigação:** Silva PRA e Oliveira DR; **Escrita — revisão e edição:** Silva PRA e Oliveira DR; **Supervisão:** Oliveira DR; **Aprovação final:** Silva PRA.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

DECLARAÇÃO SOBRE O USO DE FERRAMENTAS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Houve uso do ChatGPT, sem geração de conteúdo original, ideias, interpretações ou análises pela ferramenta, para busca e triagem de literatura, leitura assistida e elaboração de resumos, com conferência humana, revisão linguística e de referências e tradução técnica, sempre com revisão humana. A inteligência artificial generativa foi utilizada exclusivamente como assistente de revisão linguística e aprimoramento estilístico, para sugerir melhorias na fluidez do texto e na adequação ao registro científico formal da língua portuguesa.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todas as pessoas negras, travestis e transexuais (traviarcas) que vieram antes de nós. Agradecemos a nossa ancestralidade por ter aberto as portas da casa-grande para que hoje nossos corpos possam ter direitos à autonomia de existir e resistir.

REFERÊNCIAS

- Araújo, A. N. T. (2025). *Educação em transição: a presença docente trans na educação básica* [trabalho de conclusão de curso]. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- Becker, G. B., & Emmel, R. (2025). Entre corpos e discursos: concepções de gênero e sexualidade na formação docente em ciências biológicas. *Revista de Educação, Ciências e Matemática*, 15(1), e9438.
- Benevides, B. G. (2026). *Dossiê: Assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2025*. Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil (Antra) & Distrito Drag.
- Boffi, L. C., & Santos, M. A. (2023). Da transfobia ao racismo: Experiências de transição de homens transexuais negros. *Psicologia USP*, 34, e200212. <https://doi.org/10.1590/0103-6564e200212>
- Carvalho, M. A., & Miranda, L. A. (2024). Corpo imagem: Estereótipos e imagens de controle de mulheres trans e travestis e de homens cis negros. *ODEERE: Revista Internacional de Relações Étnicas*, 9(2), 72-93. <https://doi.org/10.22481/odeere.v9i2.15091>
- Cerqueira, D., & Bueno, S. (Coord.). (2026). *Atlas da violência 2026*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada & Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Recuperado de <https://repositorio.ipea.gov.br/entities/publication/9ab87dfc-33eb-4ac2-8a54-f4f1543dabbc>
- Crisostono, S. M. O., Ribeiro, D. F., & Siqueira, M. R. (2025). Educação antirracista como prática emancipatória: Uma pesquisa-intervenção com educadores. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 33, e2325. <https://doi.org/10.1590/psicodrama.v33.728>
- Dias, E. M., & Hennigen, I. (2024). Discursos raciais de homens cisgênero na pornografia mainstream com mulheres trans e travestis. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, 35, 1185. <https://doi.org/10.35919/rbsh.v35.1185>
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2025). *19º Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Recuperado de <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2025/07/anuario-2025.pdf>
- Fuchs, J. J. B., Hining, A. P. S., & Toneli, M. J. F. (2021). Psicologia e cisnormatividade. *Psicologia & Sociedade*, 33, e220944. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2021v33220944>
- Galoni, L. L. (2025). Transformando práticas: Letramento racial para o acolhimento institucional. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 33, e2425. <https://doi.org/10.1590/psicodrama.v33.726>
- Gonçalves, C., & Guimarães, S. S. M. M. L. (2024). As imagens de controle e os obstáculos à cidadania política de mulheres negras. *Revista de Ciências do Estado*, 9(2), 1-22. <https://doi.org/10.35699/2525-8036.2024.54626>
- Goulart, V. P. (2021). *O suicídio-homicídio de pessoas trans e a cisheteronormatividade: Marginalização e extermínio* [Dissertação de mestrado]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/237486/001139850.pdf>
- Jorge, S., Yuka, M., & Cappelletti, U. (2002). A carne [canção gravada por E. Soares]. In *Do cóccix até o pescoço*. Maianga Discos.
- Kastrup, V. (2019). A atenção cartográfica e o gosto pelos problemas. *Revista Polis e Psique*, 9, 99-106. Recuperado de <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpps/v9nspe/v9nspea07.pdf>
- Kilomba, G. (2019). *Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano*. Cobogó.
- Leite Júnior, J. (2016). Labirintos conceituais científicos, nativos e mercadológicos: Pornografia com pessoas que transitam entre os gêneros. *Cadernos Pagu*, (38), 99-128. Recuperado de <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8645034>
- Malaquias, M. C., Nonoya, D. S., Cesarino, A. C. M., & Nery, M. P. (2016). Psicodrama e relações raciais. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 24(2), 91-100. Recuperado de <https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/279>
- Mbembe, A. (2016). Necropolítica. *Arte & Ensaios*, (32), 123-151. Recuperado de <https://www.procomum.org/wp-content/uploads/2019/04/necropolitica.pdf>

- Mbembe, A. (2022). *Crítica da razão negra* (2ª ed.). N-1.
- Medrado, A., & Malfrán, Y. (2025). O nojo como arma na guerra colonial contra existências trans. *Trivium – Estudos Interdisciplinares*, 1, 87-99. <https://ojs.uva.br/index.php/trivium/article/view/218>
- Moira, A. (2024). *Neca: Romance em bajubá*. Companhia das Letras.
- Monsma, K. (2017). Como pensar o racismo: O paradigma colonial e a abordagem da sociologia histórica. *Revista de Ciências Sociais*, 48(2), 53-82. Recuperado de https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/27899/1/2017_art_kmonsma.pdf
- Moreno, J. L. (1975). *Psicodrama*. Cultrix.
- Oliveira, C. B. (2025). Interseccionalidade como práxis: Reflexões sobre raça, gênero e autodefinição nas sociabilidades digitais. *Mediações*, 30, e52044. <https://doi.org/10.5433/2176-6665.2025v30e52044>
- Oliveira, D. R. (2024). Aplicação da grupoterapia como prática de intervenção antirracista. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 32, e2324. <https://doi.org/10.1590/psicodrama.v32.680>
- Oliveira, D. R. (2025a). Aquecimento racial em cena: Sistematização de um dispositivo antirracista. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 33, e3625. <https://doi.org/10.1590/psicodrama.v33.723>
- Oliveira, D. R. (2025b). Psicodrama brasileiro e a luta antirracista: O legado de Alberto Guerreiro Ramos. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 33, e0425. <https://doi.org/10.1590/psicodrama.v33.696>
- Pelúcio, L. (2005). Na noite nem todos os gatos são pardos: Notas sobre a prostituição travesti. *Cadernos Pagu*, (25), 217-248. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332005000200009>
- Raia, A. L. S. (2022). *Corpos negros na luta pelo não-ser: O que há por trás dessas máscaras brancas?* Coletivo de Pesquisas Decoloniais e Libertárias da UFRJ. Recuperado de <https://cpdel.ifcs.ufrj.br/wp-content/uploads/2022/12/Artigo-WALLACE2022-FANON-3.pdf>
- Ramos, A. G. (2020). Escritos diversos em torno do psicodrama. In M. C. Malaquias (Org.), *Psicodrama e relações étnico-raciais: Diálogos e reflexões* (pp. 35-56). Ágora.
- Rezende, A. F., Saraiva, L. A. S., & Andrade, L. F. S. (2023). Transformando “cruz” em encruzilhada: Blocos afro de carnaval e a produção de espaços negros em Belo Horizonte. *Organizações & Sociedade*, 30(107), 686-711. <https://doi.org/10.1590/1984-92302023v30n0024PT>
- Rezende, D. T., & Tárrega, M. C. V. B. (2021). Colonialidade do corpo feminino negro: Trabalho reprodutivo no período escravocrata brasileiro e justiça racial. *Revista Videre*, 13(27), 227-243. <https://doi.org/10.30612/videre.v13i27.14416>
- Santana, C. P., & Santos, A. F. P. R. (2021). O demônio são os outros: A discriminação ao candomblé como manifestação do racismo. *Revista Calundu*, 5(2), 98-120. <https://doi.org/10.26512/revistacalundu.v5i2.38997>
- Silva, D. A. C., & Soares, J. S. (2025). Aquilombamento no palco: Tecendo possibilidades psicodramáticas à luz de uma tecnologia ancestral. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 33, e2125. <https://doi.org/10.1590/psicodrama.v33.714>
- Silva, F. M., & Capistrano, J. T. (2022). Mulher negra e relações afetivas: Uma análise linguístico-discursiva da obra *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus. In *Anais do XII Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as: Literaturas afrodiaspóricas de autoria feminina na América Latina e Caribe: Interlocuções e escrevivências*. <https://www.copene2022.abpn.org.br/anais/divisao/anais01>
- Silva, G. V. B., & Silva, D. A. (2024). A objetificação de corpos negros femininos no Brasil e os impactos na saúde mental. *Revista Mato-Grossense de Saúde*, 2(1), 127-141. Recuperado de <https://revistas.fasipe.com.br/index.php/REMAS/article/view/303>
- Silva, P. R. A., & Vomero, L. S. Z. (2025). Sociodrama na visibilidade trans: Estimulando o protagonismo identitário. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 33, e0925. <https://doi.org/10.1590/psicodrama.v33.693>
- Silva, R. L. P., & Santos, M. R. (2024). Raça como tecnologia: Apontamentos básicos sobre raça, racismo estrutural e interseccionalidade. *Albuquerque*, 16(31), 10-35. <https://doi.org/10.46401/ardh.2024.v16.21195>

- Souza, L. A., & Vieira, I. A. S. (2025). Bibliodrama: Uma ferramenta para letramento racial. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 33, e2725. <https://doi.org/10.1590/psicodrama.v33.716>
- Souza, N. S. (2021). *Tornar-se negro: Ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Zahar.
- Thibes, L. C., & Carvalho, I. F. (2021). Representações da mulher negra objetificada e hipersexualizada em narrativas de Chimamanda Adichie. *Revista Ártemis*, 32(1), 172-188. Recuperado de <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/61203>
- Vomero, L. S. Z. (2022). Decolonizando o conceito de reconhecimento (eu-tu). *Revista Brasileira de Psicodrama*, 30, e1422. <https://doi.org/10.1590/psicodrama.v30.576>
- Vomero, L. S. Z., & Nery, M. P. (2024). Escola da anarquia: Psicodrama e letramento LGBTQIA+ e racial. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 32, e0824. <https://doi.org/10.1590/psicodrama.v32.660>
- Wenczenowicz, T. J., & Puhl, C. A. (2025). Gozo, violência e abjeção aos corpos trans no Brasil. *Revista de Estudos Culturais*, 10, 147-174. <https://doi.org/10.11606/issn.2446-7693.2025.v9i2p147-174>